



Maquiagem Cênica

Técnicas, processos e procedimentos

Márcio Desideri



editora
VIENA

Márcio Desideri

Maquiagem Cênica

Técnicas, processos e procedimentos



editora
VIENA

1ª Edição
Bauru/SP
Editora Viena
2024

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	15
NOTAS DO AUTOR.....	17
PRÓLOGO	21
1. BREVE PANORAMA DA MAQUIAGEM CÊNICA: DO TEATRO AO CAMPO EXPANDIDO.....	25
1.1. Ancestralidade	27
1.2. Antiguidade: Civilizações Antigas	30
1.3. Egito.....	30
1.4. Grécia.....	32
1.5. Roma.....	35
1.6. Idade Média.....	37
1.7. Século XV.....	39
1.7.1. A Commedia Dell'arte.....	39
1.7.2. Teatro Elizabetano	45
1.8. Séculos XVI e XVII	46
1.8.1. O Teatro Jesuíta	49
1.9. Século XVIII.....	50
1.10. Século XIX	51
1.11. Século XX.....	52
1.12. Teatro no Oriente	55
1.13. Nô	58
1.14. Kabuki.....	58
1.15. Butoh	62
1.16. Ópera de Pequim.....	64
1.17. Maquiagem Cênica Contemporânea: O Campo Expandido	71
2. VERTENTES DA MAQUIAGEM CÊNICA.....	77
2.1. <i>Clown</i>	79
Exercício	80
2.2. <i>Drag Queen</i>	88
2.3. Halloween e o Dia do Saci	97
2.4. Carnaval	108
2.5. Beleza de Palco	111
2.6. Pintura e Maquiagem Corporais	124
2.7. Maquiagens e Tipos	126
3. MERCADO DE TRABALHO.....	139
3.1. Postura Profissional.....	143
3.2. Inteligência Emocional: Ética, Transparência e Empatia	144
3.3. Imagem Pessoal.....	145
3.4. Acordo, Contrato e Orçamento	145
3.5. Feedback Construtivo	146

3.6.	Quanto Vale o seu Trabalho?.....	146
3.7.	Hábitos Profissionais Saudáveis.....	147
3.8.	MEI.....	148
3.9.	Portfólio	148
3.10.	Logo	149
3.11.	Planejamento e Agenda.....	150
3.12.	Repertório e Criatividade.....	150
3.13.	Plano de Carreira.....	150
3.14.	Bancada de Trabalho, Assepsia e Biossegurança	151
3.15.	DRT	152
4.	MATERIAIS.....	155
4.1.	Pincéis	157
4.2.	Esponjas	164
4.3.	Espátulas.....	165
4.4.	Plaquetas	165
4.5.	Pinças	166
4.6.	Aerógrafo.....	166
4.7.	Compressor	167
4.8.	Estêncil.....	168
4.9.	<i>Primer</i>	169
4.10.	Corretivos.....	169
4.11.	Bases.....	170
4.12.	<i>Pancakes e Cakes</i>	171
4.13.	Aquacolors.....	172
4.14.	<i>Alcohol Colors</i>	172
4.15.	Sombras.....	173
4.16.	Pigmentos.....	173
4.17.	<i>Clown</i> e Supracolor	174
4.18.	Colas	176
4.19.	<i>Glitters</i>	176
4.20.	Cera ou Wax FX	177
4.21.	Cílios Postiços.....	177
4.22.	Máscara para Cílios.....	178
4.23.	Massa de Modelar	179
4.24.	Pó	179
4.25.	Fixadores à Prova d'Água	180
4.26.	Próteses de Látex, Silicone ou Foam Látex	180
4.27.	Gelatina.....	182
4.28.	Sangue Artificial	183
4.29.	Demaquilantes e Removedores	183
4.30.	Batom.....	184
4.31.	Lápis.....	185
4.32.	Tinta para Aerógrafo.....	185
4.33.	Tinta para Efeitos Grisalhos e Brancos	186
4.34.	Látex Líquido	186

4.35.	Collodium	186
4.36.	Blush	187
5.	MAQUIAGEM CÊNICA.....	189
5.1.	Tridimensional e Bidimensional	191
5.2.	Linhas e Traços	191
5.3.	Ponto e Pontilhados	193
5.4.	Esfumados: Luz e Sombra	193
5.5.	Degradê	194
5.6.	Forma	195
5.7.	Volume	195
5.8.	Relevo	196
5.9.	Sobreposição	197
5.10.	Acoplamento	198
5.11.	Composição	199
5.12.	Negativo e Positivo	203
5.13.	Simetria e Assimetria	205
5.14.	Texturas	207
5.15.	Cores	208
5.16.	Estilo e Assinatura	209
6.	TEORIA DAS CORES APLICADA NA MAQUIAGEM DE PALCO.....	211
6.1.	Círculo Cromático	214
6.2.	Combinações das Cores	217
6.3.	Cor Complementar	220
6.4.	Cor Pigmento e Cor Luz	223
6.5.	Temperatura da Cor	224
7.	ANATOMIA FACIAL.....	229
7.1.	Crânio	231
7.2.	Músculos e Tecidos	232
7.3.	Formatos do Rosto	233
7.4.	Pele	235
7.5.	Olhos	236
7.6.	Boca	241
7.7.	Sobrancelhas	243
7.8.	Orelhas	246
7.9.	Nariz	248
8.	PROCESSOS CRIATIVOS.....	251
8.1.	<i>Face Chart</i>	254
8.2.	Teatro	260
8.3.	Carnaval (Desfiles)	265
8.4.	Eventos	266
8.5.	Editoriais, Internet e Ações Publicitárias	267
9.	CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGEM PRÁTICA.....	269
9.1.	Beleza de Palco	271
9.2.	Envelhecimento	280

9.3.	Esconder Sobrancelhas.....	290
9.4.	Caveiras Mexicanas.....	293
9.5.	Careca	297
9.6.	Aplicação de Postiços	299
9.7.	Palhaços.....	300
9.8.	<i>Drag Queen</i>	306
9.9.	Cortes (Efeitos Especiais)	312
9.10.	Personagem Capa - Bônus	314
9.11.	Machucados.....	322
9.12.	Fantasia 2 Faces (Cuca)	327
9.13.	Teoria das Cores	334
9.14.	Lados (Treinamento Livre).....	339
PROPOSTA DE ATIVIDADE		343
APÊNDICE: JORNADA DE UM MAQUIARTISTA.....		345
REFERÊNCIAS		347
GLOSSÁRIO		351

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<i>a.C.</i>	<i>Antes de Cristo.</i>
<i>CGI</i>	<i>Computer Graphic Imagery.</i>
<i>CNPJ</i>	<i>Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas.</i>
<i>d.C.</i>	<i>depois de Cristo.</i>
<i>DRT</i>	<i>Delegacia Regional do Trabalho.</i>
<i>DRT</i>	<i>Delegacia Regional do Trabalho.</i>
<i>FX</i>	<i>Efeitos Especiais.</i>
<i>HD</i>	<i>High Definition.</i>
<i>HIV</i>	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome - Síndrome da Imuno-deficiência Adquirida.</i>
<i>INSS</i>	<i>Instituto Nacional do Seguro Social.</i>
<i>LGBT</i>	<i>Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero.</i>
<i>LGBTQIA+</i>	<i>Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais.</i>
<i>MEI</i>	<i>Microempreendedor Individual.</i>
<i>SATED-SP</i>	<i>Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo.</i>

NOTAS DO AUTOR

Acredito no progresso da maquiagem cênica no Brasil e na capacidade de excelência dos profissionais do nosso território, bem como no crescimento, na valorização e na disseminação do conhecimento. Embora este pensamento possa ressoar, para alguns, como falsa premissa ou otimismo negacionista em momentos pandêmicos e de crises financeiras do mundo contemporâneo e, mesmo com o paradoxo do avanço de novas tecnologias, globalização e facilidade de acesso à informação, posso dizer que, ao longo de treze anos de experiência profissional nesse setor e através de pesquisas acadêmicas e experiências internacionais, nós, brasileiros, somos privilegiados por uma rica cultura visual, de multiplicidades artísticas. Temos a capacidade de potencializar o desenvolvimento do segmento da maquiagem, acompanhando o crescimento da indústria de entretenimento, que nos últimos anos progrediu, podendo ser incluído nele a publicidade, a televisão, seriados, filmes, eventos, show, musicais, apresentações teatrais, entre outros.

Doravante, é necessária certa militância, no sentido de perseverança, resistência, dedicação e ressignificação de crenças limitantes do setor da maquiagem, no sentido de não ser mais vista como uma arte inferior, sendo necessário agir com diplomacia e comportamento adequado, priorizando a fundamentação teórica, o estudo e ensino aprofundado, a transparência, a regulamentação e valorização do ofício. É necessário quebrar paradigmas reducionistas sobre a maquiagem e visualizar a profissão para além do uso de cosméticos para o embelezamento da face. A maquiagem é uma arte que transcende o cotidiano e sua funcionalidade, repleta de códigos e signos, que revelam uma instigante análise sobre a história, cultura e comportamento da nossa sociedade. É fundamental compreendê-la para que se possa investigar territórios desconhecidos e fascinantes. Ela também está inserida no circuito das artes visuais e das artes cênicas, embora muitas vezes sem o merecido destaque. Entretanto, temos a potência e capacidade de transformar esse contexto, em que se começa com os primeiros passos, de um aprendiz motivado, interessado e dedicado.

Ao decidir escrever esse livro, mesmo ciente dos desafios e obstáculos como a falta de informação, desvalorização da profissão e escassez de livros disponíveis sobre o tema, como um destemido viajante, mergulhei nos caminhos desconhecidos e tortuosos da pesquisa e da escrita. Afinal, as reclamações e insatisfações que sentimos, ao contrário de se estagnarem na fálacia e ofensas, podem ser mecanismos propulsores e de transformação. Através de ações planejadas, fundamentadas e analíticas podemos modificar e quebrar paradigmas, mesmo que a longo prazo. Em uma sociedade imediatista e de esvaziamento da informação, transmutada na superficialidade do consumo por redes sociais e com necessidade excessiva de exposição midiática, podemos resgatar a beleza e a profundidade do conhecimento. É possível que nos encantemos e beneficiemos com o que podemos encontrar e compartilhar, criando caminhos. Afinal, em uma sociedade ciborgue e do espetáculo,

a linguagem da maquiagem assume influência imediata na virtualidade em um emaranhado das máscaras virtuais, personas digitais e avatares do cotidiano e do circuito das artes. Ainda, é necessário tempo e pesquisas para melhor compreendê-la, e o mais importante, interesse e atitude.

O desejo e a paixão por movimentar um pincel, como uma dança das mãos, ao som *Primavera* de Vivaldi, criando cores, personagens, histórias e expressões. Uma vida que nasce sobre a pele (in)corporada foi o combustível pulsante para embarcar nessa jornada. Confesso que já escutei em debates acadêmicos que não havia necessidade de maquiagem para atuação e que ela é insignificante para o ator. Com a indignação entalada na garganta, roubaram minha oportunidade de fala, entre o tempo limitado e outras questões a discutir. Assim, esse sentimento intragável, fomentou a força propulsora para resistir e persistir. Dessa forma, sucedeu o impulso pesquisador de continuar escrevendo sobre o tema, bem como o lançamento desse livro.

Ser maquiador(a) artista é ser também um(a) “maquiartista” que integra variadas habilidades e conhecimentos, com a sabedoria das cores, da delicadeza do esfumado, da transição entre a luz e a sombra, interpretando a alma com traços, modelando formas, (in)corporando no contexto. É ser e ver um corpo camuflado no ambiente, as variações de um camaleão, como seres híbridos, expandindo o território do senso comum, interagindo com o universo ao redor, maquiando-o. Logo, dessa poesia do maquiar, escorrem entre tintas, de variadas texturas e transparências, belíssimas coreografias capazes de criarem mundos.

A realidade da maquiagem pode ser muito mais do que a busca por fama, ibope ou seguidores. Podemos ir além da competitividade acirrada e tóxica, das intrigas e das opiniões depreciativas entre maquiadores, criando um mercado de trabalho pacífico, criativo, competente, próspero e promissor. Com respeito, ética, pesquisas e atitudes responsáveis construiremos um mercado de trabalho saudável. Se um dia erramos, assumimos o erro, buscando aprimoramento e respeitando o desenvolvimento de cada um. Sempre repito aos meus alunos que, ao invés de difamar o trabalho de um outro maquiador e a interminável busca de ser melhor que os outros, sejamos revolucionários contra a ditadura de estereótipos e sejamos visionários, colaborando com o outro, respeitando o período de desenvolvimento de todos, pois não sabemos as dificuldades e o que enfrentaram para chegarem até determinado lugar. Já erreí, passei por situações imaturas que hoje procuro evitar, como também aprendi e a cada dia procuro melhorar e estar receptivo para novos aprendizados. Ademais, o tempo não é regressivo. Afinal quem nunca errou? Acredito que o fracasso esteja na desistência e com a persistência e flexibilidade podemos evoluir. Para podermos, assim, discutir sobre temas que viraram tabu com clareza e diplomacia.

Sejamos compreensíveis conosco mesmos, aceitando nossos erros para que possamos aprender, não buscando ser melhores que os outros, mas sim procurando o melhor que possamos fazer com o nosso trabalho, focando na dedicação e

no aprendizado. Aliás, a maquiagem é um trabalho compartilhado e todos têm a possibilidade de crescimento em conjunto, com excelência. Dessa maneira, iremos colaborar, ainda mais, com o progresso desse segmento artístico, mudando o estigma que, muitas vezes, a palavra maquiagem carrega. Temos tempo e oportunidades de mudanças para o agora.

Agradeço a oportunidade de fala que a editora Viena me concedeu para realizar esse livro e espero que possamos colaborar com a jornada e crescimento profissional de cada um que acessar esta leitura.

PRÓLOGO

Dormente.

A cidade dormia, em sonhos profundos.

A superfície era rasa e o dia decorria em tons cinzas. Vagava nas sombras das palavras não ditas, em um filme “Murnau”. Entre olhos arregalados e passos apressados, avistei Nosferatu a criatura de dentes afiados, grandes orelhas e unhas compridas. Petrificado que fiquei, ele mordeu meu pescoço e deixou-se revelar sua rebuscada maquiagem em massa de farinha. Dicotomia humana e vampiresca, o ator de Nosferatu não mais a distinguia, estava inebriado com o efeito que a caracterização lhe causara. Mas eu também já estava infectado pela caracterização do fúnebre vampiro dos anos 1920 e não havia retorno. E foi assim que minha jornada começou muda, expressiva, do cinza para as cores, em lágrimas de alegria e emoção. Elas escorriam coloridas pelo meu rosto ao refletir o palco, onde a Rainha da Noite com a aparência exagerada, sobranceiras arqueadas influenciava sua filha, ao ritmo perfumado das flores e canto das aves noturnas de Mozart, invadindo meu peito. Foram várias vidas vividas, imagens cinematográficas e teatrais. Mas o que me encantava era o aconchego do palco, as luzes inquietas e a cortina vermelha veludo reveladora. Os movimentos dos atores, a música dos pés sobre a madeira, a mudança do cenário, o som da orquestra, e os rostos. Imersão. As faces marcantes, caracterizadas, em sonhos de uma noite de verão, um sonho dentro de um sonho, as orelhas pontudas dos elfos e a robusta e rocambolesca imagem do sátiro. Um ritual da presença de máscaras falantes, incorporadas na pele, flexíveis, como na ópera de Pequim. O presente está ali no momento encapsulado numa sala escura, sem dispositivos eletrônicos, distrações do lado de fora, o ritualístico silêncio presente. E foram variados rituais que ressuscitavam literaturas, revisitavam clássicos, renovavam leituras e transgrediam posturas. Monólogos, musicais, óperas, e assim por diante. Faces que contam história, explodem em cores, revelam texturas, cicatrizes e rugas. Barbas aplicadas, cílios colados, narizes modelados e olhares codificados. A luz refletia o que queria ser refletido e mudava de cor.

Colorido, o picadeiro girava nas reviravoltas dos malabaristas. Logo, explodem-se risos das faíscas alegres de um palhaço. Vermelho gigante e desproporcional, o nariz bobo cambaleante imprimia as risadas fáceis das crianças e a cor sangue rasgava o peito da política corrupta. Entre os cômicos explodia o palhaço sério. Triste palhaço, da boca turva, garganta presa, escorria uma lágrima. Triste de ver, triste de saber que esse palhaço está a desaparecer.

Mágica. Magia cambiante de bocarras distorcidas, e bochechas rubras. Rir da vida, rir de si mesmo, encantar-se no ritual da alegria. Ao mesmo tempo que chorar, se emocionar sobre as ondas da bossa, dos musicais autobiográficos dos nossos ídolos, as loucuras do rock n’roll brasileiro. Estórias no palco que se fazem

história plástica, penetrante da face para outra face, para o corpo que se espalha em todo o cenário. Contagante.

Um traço não é só um traço, uma cor não é só uma cor, uma maquiagem não é só uma maquiagem, um palco não é só um palco, são como caminhos que constroem narrativas, na rua, nos sonhos, na lama, nas nuvens, assim nascem personas mutantes. Alquimia. Maquiar é ritualístico. Uma dança que enfeitiça e faz germinar um novo ser, uma coisa. Epifania! É transferência de âmagos para âmagos, imago, conexão em fluxo contínuo. Ser maquiado e (in)corporado por deuses, demônios, seres ou pelo silêncio... Maquiagem: a viagem do ser.

Ela é a própria máscara, mole, metamorfa, mutante, adaptada. A maquiagem é semelhante a um parasita incorporado, mas no bom sentido, que tem vida, e que se integra à outra vida. Um jogo de poderes, de sobrevivência, permanência e inconstância. Fluxo e refluxo, constantes. Imanência.

Olho no espelho e vejo o reflexo metamorfoseado. Será que sou real? Será que sou uma maquiagem? Será que o mundo do lado de lá e cá é maquiado? O mundo me maquiou e eu me maquiei ao mundo. Ou eu maquiei o mundo?

Ela, (in)corporada, coprotagonista, ironicamente por vezes esquecida, rejeitada, resolveu aqui se rebelar.

— Isso é apenas o começo! Ela disse. Ela só quer assumir seu lugar de direito, lugar de fala sobre outras falas, sobre outros corpos e espaços. Deixe-a falar e descubra um universo fascinante. Deixe-a chorar. Deixe-a invadir, sua menina do olhar. Assim, fazer escorrer todas as cores.



© Márcio Desideri

Acorde. Deixe-a ser o que ela realmente é! Ela quer se emancipar...

C A P Í T U L O

1

BREVE PANORAMA DA MAQUIAGEM CÊNICA: DO TEATRO AO CAMPO EXPANDIDO

MAQUIAGEM ANCESTRAL

•

ANTIGUIDADE: CIVILIZAÇÕES ANTIGA

•

EGITO

•

GRÉCIA

•

ROMA

•

IDADE MÉDIA

•

SÉCULO XV

•

SÉCULOS XVI E XVII

•

O TEATRO JESUÍTA

•

SÉCULO XVIII

•

SÉCULO XIX

•

SÉCULO XX

•



TEATRO NO ORIENTE

•

NÔ

•

KABUKI

•

BUTOH

•

ÓPERA DE PEQUIM

•

MAQUIAGEM CÊNICA CONTEMPORÂNEA:
O CAMPO EXPANDIDO



BREVE PANORAMA DA MAQUIAGEM CÊNICA: DO TEATRO AO CAMPO EXPANDIDO

1

CAPÍTULO

A maquiagem cênica é algo além da máscara do ator ou atriz. Ela (in)corpora nele(a), em integração com o ambiente, tempo e movimento. É vida metamorfa, como um parasita na pele pulsante, integra, as vezes dominante e invasiva ou passiva e repelida. Criam-se histórias fascinantes na fina linha entre ficção e realidade, tecendo caminhos expressivos com o corpo, revelando a sua própria linguagem.

Para a compreendermos, é necessário investigarmos o passado, a história, entre as transformações e rupturas, como o surgimento do teatro, desde as evidências ritualísticas da idade da pedra lascada. Assim, analisando que os seres humanos surgiram na África Ocidental há 2,5 milhões de anos, pode-se destacar a adaptabilidade que temos com o ambiente, contexto e sociedade e como somos influenciados no comportamento, vivência e vestimenta. É fundamental que o(a) maquiartista assimile a história, que investigue as origens, a funcionalidade e a concepção das maquiagens realizadas. Nestas pesquisas contém informações valiosas que aprimoram o trabalho, transpondo o estigma de apenas ser “um rosto pintado” e a desvalorização dessa arte no mercado.

A maquiagem cênica é repleta de códigos e signos e, para realmente decifrá-los, é preciso aprofundamento em sua conjuntura. Com o avanço das tecnologias, as inovações que impactam diretamente as visualidades da cena, as transformações da estética, a funcionalidade e a sua relação com o contexto são atualizadas e adaptadas constantemente. Além disso, protagonista em muitos períodos da nossa história, a maquiagem assume e revela-se uma linguagem potente a ser explorada, como um organismo vivo, (in)corporando e ressignificando corpos, máscaras, figurinos, cenários, perucas, entre outros.

1.1. ANCESTRALIDADE

Embora a maquiagem é um termo contemporâneo, podemos considerar as primeiras manifestações ritualísticas no período Paleolítico Superior (30.000 a 10.000 a.C). Também os rituais da colheita, da iniciação e da fertilidade, o culto aos deuses, bem como as práticas de pinturas corporais com pigmentos naturais

orgânicos e inorgânicos, na diferenciação, no simbolismo mágico e identificação hierárquica dos integrantes de um grupo e aldeias. Dessa maneira, também se usavam acessórios e máscaras de pele de animal sobre o rosto e o corpo, como também plumas, garras e colares de dentes de animais.



© estr/Stock/Getty Images Plus

Neandertais.

Há evidências de cerimônias aos mortos na qual usavam o ocre vermelho, pigmento mineral inorgânico produzido através da moagem (100.000 a 50.000 ac), que no período Neolítico passou a ser extraído do inseto cochonilha, em regiões do Mediterrâneo, e usado em pinturas rupestres pelo *Homo neanderthalensis* (homem do vale do Neander), ou seja, os neandertais originários da Europa e da Ásia Ocidental.

Com o uso de pigmentos minerais, os xamãs, feiticeiros, caçadores e líderes de uma aldeia, se destacavam pelas pinturas corporais, complementadas por ornamentos e vestes. Cada traço sobre o corpo, cor, objeto acoplado, continham significados geralmente associados à magia, aos deuses, ao poder de cura e à caça. O que também é possível dizer a respeito dos povos originários indígenas como os curandeiros nativos americanos do século XIX, no uso de máscaras, cabeças de animais, peles, cocares e outros ornamentos.



© duncan1890/stock/Getty Images Plus

Consideremos assim que, as práticas ritualísticas, com sua importância no uso dos ornamentos acoplados e pinturas no corpo, através do olhar contemporâneo, se ressignificam como prática do maquiar, ao mesmo tempo que são funcionais e simbólicas. Basta considerarmos a etimologia da palavra maquiagem, expandindo o significado de disfarçar algo e o uso de produtos cosméticos, para a (in)corporação, transformação divina, criação de personas e representação. É possível, assim, analisar desde os primórdios que o ato de maquiar (mascarar) exerce um papel fundamental de linguagem, comunicação, de simbiose com o contexto e de influência em um grupo, aldeia e sociedade, bem como na prática de representação e encenação, na qual iremos direcionar nosso olhar. O curandeiro (in)corpora entre as pinturas, acessórios e máscaras o seu papel, a sua funcionalidade ritualística, o poder místico, a relação com as divindades, no sentido de ser transformado. Vale lembrar que a máscara ancestral, possuía valor e simbologia material, feita de elementos naturais, era usada para evocar poderes sobrenaturais, entidades e acesso para outras realidades.

1.2. ANTIGUIDADE: CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Nas civilizações antigas, o culto aos deuses, rituais, festivais e cerimônias, possuíam forte relação com o uso de máscaras. No cotidiano, as civilizações já se preocupavam em diferenciar hierarquias, através de ornamentos, vestes, pinturas, escoriações e cicatrizes na pele. Nas Américas, para os povos maias, incas e astecas, as máscaras possuíam uma rica simbologia em rituais. Como mortuárias, geralmente desenvolveram sua iconografia entre formas animais, antropomorfas, bipartidas entre humano e animal, representando dualidade. De acordo com cada região e período no tempo, diferentes técnicas e materiais foram desenvolvidos para a confecção, desde as máscaras feitas de barro, argila, como também as de tecido, prata e ouro, havendo a mistura de diferentes elementos e matérias-primas.

Podemos encontrar muitas informações valiosas sobre determinada civilização através da análise da materialidade, matéria-prima, procedimentos e processos de confecção das máscaras. Esse estudo permite o conhecimento também da cultura da civilização, revelando história, comportamentos, mitologia, organização social e o contexto que foram desenvolvidas. Há ainda as pinturas, adornos e objetos acoplados ao corpo que veste a máscara.

Nas máscaras africanas também encontramos uma rica e complexa simbologia e materiais como a madeira, couro, tecidos, pele de animais, dentes e cabelos são usados, havendo intensa relação de objetos ao corpo, que o modificam, como o uso de argolas no pescoço e brincos. Assim, as alterações na pele, como as perfurações, inscrições definitivas e deformações estão repletas de códigos na vida de um sujeito inserido em determinada civilização.

Com relação ao corpo, os assírios, sumérios e babilônios realizavam cuidados da aparência e higiene, bem como diferentes formas de penteado, aplicando no rosto misturas de matérias-primas como flores, rosas, ocre, açafrão, entre outros materiais ricos em nutrientes e emolientes para a pele.

1.3. EGITO

Os Egípcios foram uma das poucas sociedades antigas a usar maquiagem, tendo os significados e os cuidados de beleza em grandes proporções. Carregada de simbolismo, a maquiagem desde o Antigo Egito (3.100 a.C) assume papel fundamental no cotidiano, na diferenciação hierárquica, na referência aos deuses, na espiritualidade, bem como na higienização, no tratamento da pele e na prevenção de algumas doenças oculares. Para delinear os olhos, pintar sobrancelhas, os egípcios usavam o Kohl, proveniente da galena, que é um pó preto mineral natural de sulfeto de chumbo e também proveniente da malaquita, que é um mineral verde natural do hidróxido de carbonato de cobre. Geralmente eram usados representando o olho do Deus Sol, *Horus*. Além disso, havia uma série de outros componentes usados nos



O mercado de maquiagem cênica está em expansão. Com o avanço tecnológico, as formas emergentes do fazer se multiplicam e necessitam de profissionais capacitados para novas demandas. Entretanto a dicotomia entre o saber e a popularização virtualizada da práxis, dificulta o ofício, como as consequências da desvalorização do maquiador, falta da mão de obra qualificada, regularização da profissão, escassez de fundamentação teórica e a desinformação de técnicas, processos e procedimentos. Dessa forma o setor despreparado pode não compreender o potencial que a prática da maquiagem possibilita e sua importância na nossa sociedade, em que agrega a indústria de entretenimento e o circuito das artes.

Neste livro pioneiro no Brasil, abordaremos a relevância da maquiagem para os palcos, destacando técnicas, processos e procedimentos fundamentais para a realização de um trabalho qualificado. Além de um breve panorama sobre sua história, na qual explicaremos os produtos a serem utilizados, os variados processos criativos e os desafios durante o percurso, o mercado profissional, o uso de inteligência emocional, cuidados com a imagem, a postura do maquiador e a criação de portfólio. Bem como técnicas com o passo-a-passo e os procedimentos corretos, abrangendo o uso do airbrush e próteses de látex. Além de introduzir a teoria das cores, os fundamentos da maquiagem cênica, como composição, luz e sombra, volume e formas. Ademais relacionaremos a maquiagem com a linguagem do desenho, da pintura e da escultura. Dessa maneira oferecemos aos profissionais da área que buscam reatualizar o conhecimento, como para os iniciantes, e não apenas só maquiadores, como também os atores, produtores e diretores, um material didático e prático, com intuito de revelar e informar sobre o universo fascinante que é a maquiagem cênica.

ISBN: 978-65-86763-41-6



9 786586 763416



editora
VIENA